

Leituras de Nietzsche: perversão e fidelidade à letra

Danilo Bilate*

Resumo:

Neste texto, partiremos de passagens do texto de Nietzsche em que ele mesmo se analisa enquanto escritor e estilista, para tentarmos então definir qual seja seu estilo e em que medida é possível, para seu leitor, a compreensão de seu texto. Nesse sentido, pensaremos sobre a possibilidade ou não de o comentador ser fiel ou não ao texto nietzscheano.

Palavras-chave: Estilo; Linguagem; Texto

Readings of Nietzsche: perversion and loyalty to the text

Abstract:

In this article we will consider passages of Nietzsche's writings in which he analyzes himself as a writer and a stylist, so as to move on to define his style and in which sense it is possible for his readers to comprehend his text. Thus we will think if it's possible or not for the commentator to be loyal to the nietzschean text.

Key-words: Style; Language; Text.

Não é uma tarefa das mais fáceis ler e interpretar Nietzsche. É por esse motivo que este trabalho é escrito. Afinal, uma “verdade” sobre o texto não poderia se resumir apenas ao próprio texto e nada além dele? Um recorte, que todo comentador deve fazer para não recair na cópia integral da obra comentada, é sempre perspectivo mas não por isso deve se tornar completamente arbitrário. O texto está ali para ser lido. Há um real que serve de baliza para o seu conhecimento. A leitura, sempre perspectiva, não pode se encerrar como perversão da letra nietzscheana. Como é possível, então, sermos fiéis a um texto quando o comentamos? E mais: por que há pouco consenso no círculo de comentadores de Nietzsche? Por que não há uma interpretação definitiva de seu pensamento ou, ao menos, uma linha-guia de interpretação?

É sabido que a história das interpretações sobre Nietzsche está repleta de acontecimentos problemáticos. O primeiro momento de um certo reconhecimento público foi marcado pela correlação estapafúrdia de seu nome ao nazismo, equívoco que demorou a ser desfeito. Ao lado desse famoso erro, e hoje amplamente reconhecido

* Doutorando em Filosofia do PPGF-UFRJ

como tal, leituras de ilustres pensadores como Heidegger e Deleuze ganharam foco central dos pesquisadores de Nietzsche, foco que só foi desfeito, talvez, por trabalhos mais recentes de uma geração de leitores de Nietzsche que tem à disposição a edição crítica completa de Colli e Montinari. Aliás, o acesso a um grupo de textos confiáveis é sem dúvida ainda muito recente, já que essa edição surge apenas na segunda metade do século XX.

A importância das interpretações heideggerianas e deleuzianas é inquestionável para a história da filosofia, mas, ao que parece, tanto uma como a outra não se prende ao texto, justamente por cederem à poderosa criatividade e originalidade do pensamento do próprio Heidegger e do próprio Deleuze, muito embora apenas no segundo caso a distorção fosse admitida. Esteja-se mais próximo a qual interpretação se estiver, é preciso reconhecer que há pouco consenso dentro do imenso universo de leitores de Nietzsche e que, por isso, o diálogo entre eles é muitas vezes confuso.

Outro problema conhecido é a utilização dos textos não publicados por Nietzsche em vida e não preparados por ele para publicação – os fragmentos póstumos. É claro que o estudo da obra póstuma é válido, de importância inquestionável, e pode ser realizado com correção. Todavia, é preciso ter-se sempre uma atenção extrema. A utilização de póstumos que não contradigam a obra publicada é menos problemática. Em alguns casos, contudo, a obra póstuma pode levar até a interpretações que se oponham a uma posição claramente adotada nas obras publicadas. É o caso do eterno retorno, por exemplo. Nas obras publicadas, as referências ao eterno retorno parecem mostrá-lo apenas como ensinamento ético, baluarte do *amor fati* e da sabedoria trágica,¹ enquanto nos fragmentos póstumos ganha, por vezes, o caráter cosmológico. É importante lembrarmos o que o próprio Nietzsche escreveu no §155 de *Humano, demasiado humano*: “todos os grandes foram grandes trabalhadores, incansáveis não apenas no inventar, mas também no rejeitar, eleger, remodelar e ordenar”. Os textos publicados por Nietzsche passaram por essa fase de triagem e nisso se constituíram como “grandes”. Os póstumos, portanto, seriam textos, de certo modo, “rejeitados”.

¹ Cf. sobretudo o §341 de *A Gaia Ciência*. No *Zarathustra*, o eterno retorno tem, por vezes, o caráter cosmológico. Todavia, esse caráter lhe é dado pela fala que se segue como mera continuação do raciocínio iniciado pelo anão, com quem Zarathustra dialogava então. E nada aqui é afirmado, mas apenas interrogado. É o anão quem insere o pensamento da circularidade do tempo no diálogo e é a partir dessa inserção que Zarathustra chega à explicação física. (Cf. ZA, “Da visão e do enigma”). Mesmo depois, quando os animais de Zarathustra o taxam de o mestre do eterno retorno e a explicação cosmológica é novamente fornecida – pelos animais, não por ele – Zarathustra fica calado, o que pode querer dizer que ele não confirma a versão apresentada (Cf. ZA, “O convalescente”).

Contudo, não parece que a influência das interpretações heideggerianas e deleuzianas, a demora da publicação das obras completas em uma edição confiável e, por último, as leituras algumas vezes descuidadas dos fragmentos póstumos seja suficiente para explicar a falta de uma interpretação definitiva do pensamento nietzscheano, ou melhor, a falta de um certo grau de consenso entre os seus comentadores. Talvez o texto mesmo seja o responsável por uma discórdia interpretativa. Talvez o *estilo* nietzscheano permita essa discórdia. Talvez o seu pensamento já traga elementos que mostram a impossibilidade de se alcançar uma “verdade” sobre o texto.

A nossa hipótese é a de que a dificuldade intrínseca à leitura dos textos nietzscheanos se deve ao seu conteúdo e, somente por isso, também ao seu estilo. Usamos aqui o termo “interpretação” e, curiosamente, ele é usado com o *status* de conceito pelo filósofo-filólogo Nietzsche. Trata-se de um uso metafórico do termo e, em alguns momentos, ele utiliza até a palavra “texto” para se referir ao real. A interpretação é o ato humano de conhecer o real, ato que, para Nietzsche – como a interpretação de um texto, segundo a filologia moderna – não se encerra em mera passividade mas, ao contrário, se estabelece como produção, ativa portanto, de sentido. O homem interpreta o real. Isso quer dizer: o “texto” fornece algo ao “leitor” que, entretanto, ao “ler” (re)produz ele mesmo o sentido do que é lido:

Perdoem este velho filólogo, que não resiste à maldade de pôr o dedo sobre artes de interpretação ruins; mas essas ‘leis da natureza’, de que vocês, físicos, falam tão orgulhosamente [...] existem apenas graças à sua interpretação e péssima ‘filologia’ – não são uma realidade de fato, um ‘texto’, mas apenas uma arrumação e distorção de sentido ingenuamente humanitária [...] Mas, como disse, isso é interpretação, não texto (BM, §22).

O modo como Nietzsche utiliza a relação concreta *texto-interpretação* para que ela sirva de base para a formação da relação metafórica e conceitual *real-interpretação* indica o que ele entende por interpretação – do texto. Ele sabe que é impossível uma interpretação neutra, feita por um interpretador puro e totalmente passivo. Interpretação – do texto e do real – é sempre *produção* de sentido. Logo, também aquele que se propõe a ler e comentar um texto nietzscheano não poderia fugir à regra.

Mas é possível questionarmos mais uma vez, como contraponto a nossa hipótese: será que é apenas o uso peculiar que Nietzsche faz da linguagem, isto é, o seu estilo,

que permite aquela discórdia entre os seus diversos comentadores? A despeito dos problemas de clareza conceitual que o seu estilo permite – sustentado na imensa riqueza de imagens, símbolos e metáforas e na utilização de aforismos – Nietzsche pode ser considerado, ao mesmo tempo, um estilista brilhante, leve, direto e objetivo. Era mesmo uma ambição de Nietzsche a clareza estilística: “Minha ambição é dizer em dez frases o que qualquer outro diz em um livro – o que qualquer outro *não* diz em um livro...” (CI, “Incursões de um extemporâneo”, §51). E mesmo a imagem que ele utiliza para falar desse tipo de escritor e estilista – claro, direto, rápido, objetivo –, a do dançarino, mesmo essa imagem pode ser usada para descrevermos o próprio Nietzsche. Ele parece se considerar esse escritor-dançarino que não apenas dança com as palavras, mas também com os conceitos. Como ele diz: “eu não saberia o que o espírito de um filósofo mais poderia desejar ser, senão um bom dançarino” (GC, §381). Ou como ele diz em outro momento:

Não se pode excluir a *dança*, em todas as formas, da *educação nobre*; saber dançar com os pés, com os conceitos, com as palavras; ainda tenho que dizer que é preciso saber dançar com a *pena* – que é preciso aprender a *escrever*? – Mas nesse ponto eu me tornaria completamente enigmático para os leitores alemães...” (CI, “O que falta aos alemães”, §7).

Como um escritor tão objetivo, claro e direto pode ser considerado confuso e como sua obra pode ser fruto de tantas discordâncias interpretativas? Nietzsche pode ser considerado, de fato, obscuro ou caótico, mas somente porque procura estabelecer algo de novo; na medida em que tateia novas superfícies nunca antes tateadas, na medida em que pretende estabelecer novas interpretações e valorações, para usar seu vocabulário. Nietzsche pode ser considerado obscuro e caótico por aqueles para os quais seu pensamento é novo. O problema, aqui, não é de ordem estilística, mas de ordem conceitual. Não por falha expositiva ou lógica, mas pelo seu caráter de novidade. De fato, Nietzsche nasceu póstumo, como ele mesmo disse: “Tampouco é ainda o meu tempo, alguns nascem póstumos” (EH, “Por que escrevo tão bons livros”, §1) e no prólogo ao *Anticristo*: “Apenas o depois de amanhã é meu. Alguns nascem póstumos”. Mas esse caráter de “novidade” ainda permanece após mais de um século da publicação de suas obras. Ele pode ser considerado novo, desconhecido, incompreendido, não apenas para o tempo em que era vivo como também, quem sabe?, ainda para o nosso. Nietzsche talvez ainda *nos* seja póstumo.

No que se refere à questão da incompreensibilidade, aliás, Nietzsche era cômico e escreveu pontos dignos de nosso interesse sobre o assunto. Destacamos, aqui, o §381 de *A Gaia Ciência*, onde ele afirma: “não queremos apenas ser compreendidos ao escrever, mas igualmente *não* ser compreendidos”. Mas, o que é irônico, ele mesmo *esclarece* esse estranho comentário em seguida:

E, falando cá entre nós, sobre o meu próprio caso – não desejo que minha ignorância e a vivacidade de meu temperamento impeçam que eu lhes seja compreensível, meus amigos: não a vivacidade, por mais que ela me obrigue a lidar velozmente com algo, se chego a lidar com ele. Pois encaro os problemas profundos como um banho frio – entrando rapidamente e saindo rapidamente. Que assim não possamos chegar à profundidade, *descer* o suficiente, é uma superstição dos que temem a água, dos inimigos da água fria; eles falam sem experiência. Oh! O frio intenso torna veloz! – E pergunto de passagem: uma coisa permanece de fato incompreendida e não conhecida por ser apenas em vôo tocada, avistada, relampejada? É preciso absolutamente ficar sobre ela? Chocá-la como a um ovo?

Nesse aforismo Nietzsche indica que pode ser incompreendido por aqueles que temem a água fria, que são aqueles que falam sem experiência. Os “problemas profundos”, que ele compara à água fria, são novos, ainda não pensados pelos “inimigos da água fria”, esses que não têm experiência. O pensamento nietzscheano, novo e original, passa muitas vezes por complicado ou até mesmo sem importância talvez porque aqueles que o classificam assim não estejam acostumados com essa leveza de um escritor-dançarino como Nietzsche. Esses só conseguiriam compreender alguma coisa nova quando podem “chocá-la como a um ovo”, ou seja, quando podem lidar repetidas vezes com um novo conceito até se acostumarem com ele. O escritor que eles demandariam, então, é o oposto de um estilista leve com é Nietzsche. Ressalte-se que a imagem do vôo que aparece ao final do aforismo em questão é retomada no *Zaratustra* para, mais uma vez, explicar esse estilo veloz:

Minha linguagem – é a linguagem do povo: de modo por demais grosseiro e sincero falo eu, para o gosto dos casquilhos. E mais estranha ainda soa minha palavra aos ouvidos de todos os plumitivos e escrevinhadores.

Minha mão – é a mão de um doido, aí de todas as mesas e paredes e onde mais haja lugar para desenhos de doido e gatafunhos de doido!

Meu pé – é um pé de cavalo; com ele pateio e galopo, desembestado, pelos campos em fora e dou a alma ao diabo no prazer da corrida desabalada.

Meu estômago – será um estômago de águia? Porque gosta, mais que tudo, de carne de cordeiro. Certamente, porém, é um estômago de ave.

Parcamente alimentado e de coisas inocentes, pronto ao vôo e impaciente por voar, por voar longe – tal é o meu modo de ser; como não deveria haver nele algo do modo de ser das aves!

E, especialmente, que eu seja inimigo do espírito de gravidade é modo de ser de ave; e, na verdade, inimigo ferrenho, inimigo mortal, inimigo nato! (ZA, “Do espírito de gravidade”, §1).

Zaratustra começa esse seu discurso falando sobre a sua linguagem e, então, ele diz que fala de modo “grosseiro e sincero”. Grosseiro, simples, sincero, direto, rápido, veloz, objetivo. Como galope de cavalo desembestado, como ave impaciente por voar – e voar longe. E a principal definição do modo de ser da ave é, justamente, ter como inimigo o espírito de gravidade, essa figura que representa a negação da vida. E, como se sabe, a luta contra essa negação é uma das posturas mais originais de Nietzsche, luta sem precedentes na história da filosofia. É por expor um pensamento novo que as mãos que o escrevem podem voar como ave e, por isso, serem consideradas “doidas” e a linguagem que ele utiliza, a do povo – sincera, grosseira, direta, rápida – pode então ser considerada “estranha”.

Estranhamente, aliás, a leveza do estilo nietzscheano não é suficiente, para alguns dos seus leitores, para desfazer uma certa impressão de obscuridade, como vimos. Mas essa impressão de obscuridade talvez provenha, em grande parte, de uma dificuldade desses leitores em dar conta da novidade do pensamento nietzscheano. E é por isso que Nietzsche pode até ser considerado um pensador do subsolo, segundo uma sua classificação:

Existem, em primeiro lugar, pensadores superficiais, em segundo, pensadores profundos – aqueles que vão ao fundo de algo – , em terceiro, pensadores radicais, que vão à raiz de algo – o que tem muito mais valor do que ir apenas ao seu fundo! – e, por fim, aqueles que enfiam a cabeça no pântano: o que não deveria ser sinal de profundidade nem de radicalidade! Estes são os nossos caros do subsolo (AA, §446).

O “subsolo” ou o fundo do “pântano” são escuros porque são desconhecidos. Os pensadores caros à Nietzsche e, ao que parece, ele mesmo, são os poucos e raros que conseguem pensar o até então impensado. Mas essa “estranheza” em conhecer o pensamento nietzscheano é então desfeita, quando finalmente o ruminamos suficientemente e o digerimos por completo, como ele o exigiu: “É certo que, a praticar

desse modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam ‘legíveis’ –, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um ‘homem moderno’: o *ruminar...*” (GM, “Prólogo”, §8). Importa deixar claro que a lentidão do ruminar é a lentidão do leitor e não do escritor. O estômago de um estilista como o escritor Nietzsche é um “estômago de águia” (cf. ZA, “Do espírito de gravidade”, §1, citado acima) e não o de uma “vaca”.

Eis então que o caráter obscuro passa a dar lugar ao claro, ao luminoso – para ainda usarmos a clássica metáfora, que o próprio Nietzsche utiliza para falar de si mesmo: “Uma tocha nas mãos, uma tocha cuja luz não tremula, e este *sub-mundo* do ideal é iluminado com claridade cortante” (EH, “Humano, demasiado humano”, §1). Entramos com Nietzsche pelos subsolos com uma tocha nas mãos. Contudo, se identificados com a sua busca subterrânea e se apaixonados pelo seu caminho percorrido, caímos num estágio embaraçoso. Enamorados, pretendemos seguir o mesmo caminho, mas somos obrigados, por Nietzsche, a recuar – porque *o* caminho não existe. “Este, agora, – é o *meu* caminho; – onde está o vosso?”; assim respondia eu aos que me perguntavam ‘o caminho’. Porque *o* caminho – não existe!” (ZA, “Do espírito de gravidade”, §2). Se esperávamos que esse “mestre” nos desse uma orientação e nos guiasse, ficamos frustrados. Pois ele ensina a não imitar:

Vivo em minha própria casa,
Jamais imitei algo de alguém
E sempre ri de todo mestre
Que nunca riu de si também
(GC, Epígrafe).

Nietzsche não ocupa o lugar de mestria. O que ele nos ensina é a importância do dizer “não” e de sermos criadores a partir dessa negação fundamental:

Somente enquanto criadores podemos destruir! (GC, §58)
E *somente* a criar deveis aprender (ZA, “De velhas e novas tábuas”, §16)
Porque os criadores são duros [...] *tornai-vos duros!* (ZA, “De velhas e novas tábuas”, §29).

E se assim é, resta concluirmos que seria preciso dizer “não” também para Nietzsche:

Retribui-se mal um mestre quando se permanece sempre e somente discípulo. E por que não quereis arrancar folhas da minha coroa? (ZA, “Da virtude dadivosa”, §3).

É isso que esse “mestre” nos pede e nos ensina: que deixemos de ser discípulos, que arranquemos folhas de sua coroa, que riamos também dele. Essa dinamite que não deseja seguidores crentes,² esse destruidor de ídolos³ que filosofa com o martelo⁴ é, contudo, aquele que afirma, produz, cria sobre as cinzas. Como poderíamos nos abster da possibilidade de negar alguém que ensina a criar e, antes, negar para criar?

Que devo fazer com esses dois jovens? Gritou, com mau humor, um filósofo que “corrompia” a juventude [...] Esse não sabe dizer “não”, e aquele diz a tudo “meio a meio”. Supondo que entendessem minha doutrina, o primeiro *sofreria* demais, pois meu modo de pensar requer uma alma guerreira, um querer-fazer-mal, um prazer em dizer “não”, uma pele dura – ele lentamente morreria de feridas abertas e internas. (GC, §32).

Aprender a negar, a ser duro, a criar e por conseguinte destruir, é uma consequência necessária de quem estuda o pensamento nietzscheano. Logo, seria preciso negar Nietzsche mesmo. Para sermos fiéis à letra nietzscheana seria preciso pervertê-la.⁵

Nietzsche nos diz que a linguagem é usada como instrumento para que vivências subjetivas singulares possam ser comunicadas a um outro. No seu próprio caso, também há alguma coisa de ordem afetiva que é, ou que tenta ser, comunicada. Por isso, ao falar sobre seu estilo, Nietzsche afirma:

Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre a minha *arte do estilo*. *Comunicar* um estado, uma tensão interna de *pathos* por meio de signos, incluído o *tempo* desses signos – eis o sentido de todo estilo;⁶ e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo – a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. (EH, “Por que escrevo tão bons livros”, §4)

² “Eu não sou um homem, sou dinamite [...] Não *quero* ‘crentes’, creio ser demasiado malicioso para crer em mim mesmo” (EH, “Por que sou um destino”, §1).

³ “*Derrubar ídolos* [...] é meu ofício” (EH, “Prólogo”, §2).

⁴ Como deixa transparecer o subtítulo de *O crepúsculo dos ídolos*.

⁵ Por isso Éric Blondel pergunta: “Como é possível ler Nietzsche sem abandoná-lo?” (BLONDEL, E. *Nietzsche le corps et la culture: la philosophie comme généalogie philologique.*, p.15).

⁶ Percebe-se aqui a importância que Nietzsche dá à questão do tempo dos signos, que é o “sentido de todo estilo”, o que confirma o que dizemos até agora acerca do estilo rápido e leve.

Como é possível, então, perverter Nietzsche e, no entanto, com-*padecer*, isto é, apreender o objeto de sua comunicação, que é essa “tensão interna do *pathos*”? Esse com-*padecimento* já seria uma postura fiel à letra. No entanto, em outro momento, Nietzsche diz que a comunicação desse *pathos* nunca é totalmente possível:

Oh, que são vocês afinal, meus pensamentos escritos e pintados! Há pouco tempo ainda eram tão irisados, tão jovens e maldosos, com espinhos e temperos secretos, que me faziam espirrar e rir – e agora? Já se despojaram de sua novidade, e alguns estão prestes, receio, a tornar-se verdades: tão imortal já é seu aspecto, tão pateticamente honrado, tão enfadonho! [...] Apenas para sua *tarde* eu tenho cores, meus pensamentos escritos e pintados, muitas cores talvez, várias delicadezas multicores, e cinqüenta amarelos e vermelhos e marrons e verdes: – mas com isso ninguém adivinhará como eram vocês em sua manhã (BM, §296).

Nesse belo aforismo, Nietzsche mais uma vez faz um auto-elogio, ao se considerar um competente estilista, possuidor de múltiplas cores para pintar a “tarde” de seus pensamentos. Entretanto ele completa: a “manhã” desses pensamentos não poderá ser conhecida por outrem. Comunicar *toda* a intensidade das vivências singulares é impossível através apenas da linguagem, mesmo para um grande estilista, ave, dançarino, como é ele. É possível termos consciência plena de até que ponto uma leitura é pervertida ou fiel ao texto se ele, o texto, não é realmente capaz de comunicar a manhã dos pensamentos nietzscheanos?

Encerramos este trabalho com a pergunta em aberto, o que denuncia a dificuldade do nosso tema. Sabemos da discórdia freqüente dentro do universo de comentadores. Sabemos que ela pode ser fruto do histórico de equívocos interpretativos esdrúxulos. Sabemos que ela pode ser permitida pelo próprio pensamento nietzscheano que mostra a face ativa e produtora de sentido de toda interpretação. Sabemos que ela pode ser conseqüência da dificuldade de adaptação com essa escrita veloz que fornece novidades impactantes. Sabemos que ela poderia ser até desejada por esse “mestre” que procura discípulos criadores. E sabemos, por último, que ela poderia ser prevista por esse pensador que nos fala da impossibilidade de se comunicar estados interiores com precisão. Todavia, permanece a preocupação – louvável – de nos protegermos de perversões, falsificações e deturpações extremas do texto e, ao que parece, nada nos garante a segurança da consciência de nossa fidelidade à letra. Por isso, o esforço rumo à fidelidade é constante e ininterrupto.

Resta colocar a advertência que não pode ser esquecida pelo comentador que se pretende fiel ao texto comentado. Realizar um recorte perspectivo não pode se resumir a uma arbitrariedade ou a uma certa anarquia interpretativa. O texto está ali para ser lido. A leitura que, enquanto perspectiva, é negação e luta, não pode ser confundida com uma perversão da letra nietzscheana. É nessa linha tão tênue entre o real do texto e a alucinação da criação que deve se esforçar para se dar o trabalho de um intérprete. Tensão inevitável entre dois extremos, o equilíbrio alvejado consiste na interpretação criativa mas paradoxalmente fiel ao texto.⁷

Referências Bibliográficas:

BLONDEL, Éric. *Nietzsche le corps et la culture: la philosophie comme généalogie philologique*. Paris: L'Harmattan, 2006.

NIETZSCHE. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Genealogia da moral – uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *O Anticristo – maldição ao cristianismo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Ecce Homo – como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

WOTLING, Patrick. *Nietzsche et le problème de la civilisation*. Paris: PUF, 1999.

⁷ Como lembra Patrick Wotling: “A dimensão poética do texto de Nietzsche implica então, da parte do leitor, um trabalho de decifração sobre a palavra. A leitura deve ser [...] criativa, mas igualmente prudente” (WOTLING, P. *Nietzsche et le problème de la civilisation*., p.40).